

Trichechus inunguis ou peixe-boi-da-amazônia, para os íntimos!

Foto Fabio Colombini

O batismo dos bichos

Tamanduá-bandeira, jiboia, entre outros bichos, são velhos conhecidos seus. Mas você conhece o *Myrmecophaga tridactyla*? E a *Boa constrictor*? Pois saiba que estes são os nomes científicos dessas mesmas espécies! Os nomes científicos são termos que os pesquisadores usam para identificar animais diferentes. Eles são escolhidos de forma que possam ser reconhecidos por estudiosos do assunto no mundo todo. Na hora do batismo, os cientistas costumam fazer referência a alguma característica do próprio bicho, ou o lugar onde ele foi encontrado. Mas há quem homenageie pessoas queridas e até estrelas de cinema!



Quem teve a grande ideia de nomear as espécies pelo nome científico como conhecemos hoje foi o sueco Carl Linné, no século 18. O termo é formado por duas palavras. A primeira é o nome genérico, que sempre começa com letra maiúscula e é igual em todas as espécies de um mesmo gênero. Já a segunda é conhecida como nome específico porque identifica cada espécie que existe de um gênero. Por isso, ela vem com letra minúscula. Vamos ao exemplo...

Os mico-leões pertencem ao gênero *Leontopithecus*. Assim, *Leontopithecus rosalia* e *Leontopithecus chrysomelas* são mico-leões de espécies diferentes. Deu para entender?

O nome científico pode até ser de escrita complicada, mas o método é bem organizado pelo Código Internacional de Nomenclatura Zoológica, que traz várias regras para os pesquisadores seguirem na hora de nomear as espécies novas.

Os nomes científicos podem ser escritos em qualquer língua ou até com palavras inventadas, mas o mais comum é que sejam escritos usando palavras em grego ou latim – língua que os antigos povos romanos usavam, mas que não se fala mais. Além disso, o nome científico deve vir sempre destacado, escrito em itálico, negrito ou sublinhado.

Se um cientista descobre um bicho de gênero e espécie novos, ele pode nomeá-lo por completo. Já se a descoberta for de um gênero já conhecido, o único nome que ele pode criar é o epíteto específico, ou seja, o segundo nome. O nome genérico deve ser aquele já existente.

Quer ter uma prova de que esse método de nomear o bicho pelo nome científico dá certo? Imagine só que em inglês o animal se chame *Amazonian manatee*; em espanhol, *manati del Amazona*; em italiano, *lamantino delle Amazzon*.





Complicou? Acontece que para os cientistas de qualquer parte do mundo ele é apenas o *Trichechus inunguis* que, em bom português, é o peixe-boi-da-amazônia! Viu como fica bem mais fácil? Tem bicho que recebe nomes diferentes no mesmo país! Imagine que confusão! Veja o exemplo do cágado *Platemys platycephala*. Ele é chamado popularmente de jabuti-machado, lalá e perema, só na Amazônia!

Solte a imaginação!

Apesar das regras, os cientistas têm grande liberdade na hora de criar o nome de uma nova espécie. É nesse momento que eles podem dar asas à imaginação, e as preferências por nomes são muitas.

Alguns preferem batizar a espécie com nomes que lembrem alguma característica do animal. A preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*) é um caso desses. *Bradypus* quer dizer “pés lentos” e *torquatus* significa “de colar”. Tudo a ver com o bicho vagaroso com um colar de pelos negros em volta do pescoço da foto abaixo. É ou não é?

Fotos Fabio Colombini



Echinaster **Brasilensi**, o sobrenome se deve ao fato de a estrela ocorrer no Brasil.

Outros cientistas indicam por meio do nome de onde os bichos podem ser encontrados, como é o caso da *Echinaster brasiliensis*, uma estrela-do-mar. *Echinaster* significa algo como “ouriço-do-mar em forma de estrela” – talvez por causa da aparência áspera, algumas vezes com espinhos, que os animais marinhos deste gênero têm. Já o *brasiliensis* significa “que ocorre no Brasil”. Interessante, não é?

E a homenagem vai para...

...Os naturalistas

No Brasil, são comuns animais cujo nome científico faz referência a outros pesquisadores, em especial os naturalistas estrangeiros que percorreram nosso país entre os séculos 18 e 19. Alguns deles, como o barão de Langsdorff, têm dezenas de espécies que receberam seu nome! Só para citar alguns exemplos, Johann Natterer tem seu nome em uma borboleta da Mata Atlântica, a *Heliconius nattereri*. Johann Baptist von Spix estará na eterna lembrança por causa da famosa ararinha-azul ou



Cyanopsitta spixii – a ararinha-azul – leva o sobrenome de um pesquisador estrangeiro: Spix.

Cyanopsitta spixii; e Charles Darwin foi homenageado com a lagartixa *Gymnodactylus darwini*.

...Os brasileiros ilustres

Muitos brasileiros ilustres também já foram homenageados por cientistas que descobriram novos gêneros e espécies. O ratinho *Juscelinomys candango*, encontrado



Bradypus significa “pés lentos” e *torquatus*, “de colar”, daí... Preguiça-de-coleira!





O pesquisador que descobriu a perereca *Aplastodiscus arildae* batizou o anfíbio em homenagem à sua mulher: Arilda.

durante a construção de Brasília, recebeu este nome em homenagem ao presidente Juscelino Kubitschek, que ordenou a criação da nova capital do país. O sambista Paulo Emílio Vanzolini, que também é um grande zoólogo, possui várias espécies que levam seu nome, entre elas um mico-de-cheiro da Amazônia, o *Saimiri vanzolinii*. O famoso seringueiro Chico Mendes, que lutava pela preservação da Amazônia, também tem um animal com seu nome: o inseto *Brasilocaenis mendesi*.

...Os parentes

Tem cientista que prefere homenagear um parente. O nome de uma espécie de cobra-coral do Rio Grande do Sul foi dedicado à esposa de Marcos Di-Bernardo, Sílvia, pois ambos eram biólogos. Sabe como a cobra se chama?

Micrurus silviae! Já o pesquisador Carlos Alberto G. da Cruz colocou o nome da mulher, Arilda, em uma perereca que descobriu, a *Aplastodiscus arildae*. A bióloga Janira Costa homenageou o marido (Jalmos) e a filha (Janice) no nome de duas espécies de libélulas: *Peristicta jalmosi* e *Peristicta janiceae*.

...O “timão”, a seleção e os músicos do coração

O que dizer, então, do time do coração? O cientista André Nemésio, torcedor roxo do Clube Atlético Mineiro, dedicou uma nova espécie ao seu clube preferido. A descoberta não era um galo – mascote do time –, mas uma nova abelha, *Eulaema atleticana*! Dois pesquisadores do Rio de Janeiro foram ainda mais longe! Eles

batizaram doze novas espécies de inseto do gênero *Neotrichia* com nomes de onze jogadores e do técnico da seleção brasileira de futebol campeã da Copa do Mundo de 1958! Entre as espécies novas estão *Neotrichia garrinchai*, *Neotrichia zagalloi* e *Neotrichia pelei*, homenagens a Garrincha, Zagallo e Pelé!

Enquanto isso, três biólogos batizaram uma nova rã de Minas Gerais de *Ischnocnema penaxavantino*, em homenagem à dupla sertaneja Pena Branca & Xavantinho. Pode?!

...O personagem preferido

Os cientistas de outros países muitas vezes também têm imaginação fértil ao criarem o nome de uma espécie nova. Existe um peixe da Colômbia e do Peru chamado *Otocinclus batmani*. Isso mesmo! Uma homenagem ao homem-morcego dos quadrinhos e dos filmes de ação, o *Batman*. Da mesma maneira, um aracnídeo australiano chamado *Draculoides bramstokeri* é dedicado ao Conde Drácula e seu criador, o escritor irlandês Abraham Bram Stoker. E o que dizer dos besouros com nomes *Macrostyphlus bilbo*, *Macrostyphlus frodo* e *Macrostyphlus gandalf*, que fazem referência a três personagens dos livros de J. R. R. Tolkien, os *hobbits* Bilbo e Frodo, e o mago Gandalf? Mais tarde, eles brilharam nas telas de cinema em *O Senhor dos Anéis*.

Estes foram só alguns poucos exemplos de como os cientistas muitas vezes se divertem ao batizarem novas espécies que descrevem.

E você? Já imaginou se um dia receber uma homenagem dessas? E se descobrisse um novo gênero ou uma nova espécie de animal, para quem iria a sua dedicatória?

Henrique Caldeira Costa,
Museu de Zoologia João Moojen,
Universidade Federal de Viçosa.



A lagartixa *Gymnodactylus darwinii* foi batizada em homenagem a Charles Darwin.